

SEMEANDO LIVROS: A LIVRARIA ROSA E A COSMOPOLITIZAÇÃO DE FLORIANÓPOLIS (1940-1950)¹

Felipe Matos²

RESUMO: Inaugurada em 1944, a Livraria Rosa destacou-se na história editorial de Florianópolis como a primeira livraria dedicada exclusivamente à venda de livros - novos e de usados - na capital, ao contrário dos demais estabelecimentos de então, especializados nos serviços de papelaria e tipografia, destinando apenas algumas seções de suas estantes aos livros. Ao difundir a cultura letrada em Florianópolis, a livraria de João Teixeira da Rosa contribuiu para cosmopolitizar a cidade, consolidar os hábitos de leitura, alterar a percepção acerca do objeto-livro e consolidar-se como um dos redutos de sociabilidade intelectual de sua época. O presente artigo tenciona condensar sinais de como foram percebidas e vividas diferentes sociabilidades e percepções sobre a Florianópolis e que proporcionarão a futuras pesquisas uma importante ferramenta para a análise histórica da cidade e de seus habitantes através dos livros que folhearam.

Palavras-chave: Livraria Rosa, Florianópolis, Cultura Letrada.

ABSTRACT: Installed in 1944, the Livraria Rosa detach itself in the Editorial History of Florianópolis as the first book shop dedicated exclusively to sell books - news and second hand ones - in the capital, against others shops, specialized in stationer's shop and typography, to destine only few sections to the books. Diffusing the literate culture in Florianópolis, the João Texeira of Rosa's Book Shop contributed for cosmopolitization, to consolidate the reading habits, modify the perception about the object-book and consolidate itself as one of the redoubts of intellectual sociability's of that time. The present article intent to condense signals to how was the apprehension and lived different sociability's and perception about Florianópolis and will proportion to future searches a important tool to historic analyze about the city and its inhabitants thru the books they read.

Key words: Livraria Rosa, Florianópolis, Literate Culture.

Autores da História da Leitura costumam dizer que tão importante quanto o ato de ler é o espaço e o tempo em que se dá a leitura. Para Manguel, não há dúvida de que o ato de ler no tempo requer um correspondente ato de ler no espaço, sendo a relação entre os dois inextricável. Henry Miller e Marcel Proust confessaram que todas suas boas leituras eram feitas no banheiro, lugar ideal para proporcionar-lhes a solidão inviolável de que necessitavam para suas leituras mais difíceis. A invenção da lâmpada é apontada como responsável pela promoção do hábito de se ler na cama, local onde o corpo liberta-se das adequações sociais das vestimentas e pode se acomodar de forma mais confortável. O poeta Walt Whitman procurava o campo ou as praias de Long Island para ler os clássicos na presença plena da Natureza, sob o sol, com paisagens e panoramas a perder de vista ou o mar quebrando na

¹ O presente artigo - com algumas alterações - faz parte do terceiro capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso em História do autor, defendido em 2005 na UDESC, sob o título: "Uma ilha de Leitura: notas para uma história da cidade através de suas livrarias, livreiros e livros (Florianópolis, 1830-1960)", orientado pela Prof^a Dra. Maria Teresa Santos Cunha e co-orientado pela Prof^a Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza.

² Mestrando em História - Universidade Federal de Santa Catarina.

praia. O lugar da leitura lhe proporcionava o cenário físico necessário para o texto que estava sendo lido.

Com relação ao tempo da leitura, há livros que para serem degustados exigem do leitor um descompromisso com a pressa. A cerimônia de apropriação deve ser lenta, suave, palavra por palavra, frase por frase. Rubem Alves sugeriu aos escritores que estes deveriam imitar os compositores que colocam ao início de uma peça, uma informação sobre o tempo em que ela deve ser tocada, pois cada texto literário tem também o seu próprio tempo. Com a avidez de querer saber o que irá acontecer depois, lê-se um conto de Poe ou Stevenson. Da mesma forma não se dá a leitura de *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, ou *A Outra volta do Parafuso*, de Henry James. Nesta lógica, aprender a respeitar o tempo e o espaço de cada texto é a chave para se ensinar o prazer de ler.

Há quem critique este discurso da busca do prazer, especialmente nas leituras destinadas às crianças nas salas de aula. Para Sírio Possenti, as escolas e outras agências educacionais, deveriam ter claro que ler é um trabalho, sendo, inclusive, muito mais fácil que se chegue a situações em que ler é um prazer se o acesso mais ou menos organizado à leitura fosse realizado na forma de trabalho. “Que o prazer não seja uma condição, mas, eventualmente, um efeito”³.

Alheio a toda esta discussão acadêmica, na Florianópolis dos anos 1940, entre blackouts e dias de vento sul, vivia um livreiro que acreditava que seus livros poderiam despertar sensações em seus leitores que iriam além do exercício mental proporcionado pela decifração das palavras ordenadas.

Ciente que a livraria é sua casa de negócio, o livreiro – que a despeito da paixão pelos livros é um comerciante – precisava diferenciar sua mercadoria daquelas vendidas em outras casas do ramo. Seus livros não poderiam ser apenas brochuras, in-fólios ou encadernações. Não eram objetos como tinteiros, canetas, escrivatinhas ou carimbos de borracha. Tampouco deveriam disputar espaço nas estantes com salames e sardinhas em conserva. O leitor era um sujeito distinto. O objeto-livro possuía um poder transformador. Logo, deveriam ser anunciados como atraentes, sedutores, prazerosos. Deveriam ser “*gostosos como bombons*”.⁴

O livreiro atento era João Teixeira da Rosa Júnior e sua casa comercial a Livraria Rosa, primeira livraria de Florianópolis destinada exclusivamente ao comércio de livros, novos e usados. Inaugurada em 1944, tal exclusividade era uma novidade no mercado editorial na cidade, dominado por estabelecimentos comerciais cujo forte do comércio eram

³ POSSENTI, Sírio. Leitura é trabalho. In: **PrimaPagina**, São Paulo, 19 de abr. 2004.

⁴ Revista *Atualidades*. Nº02. 1948.

os serviços de papelaria e tipografia, destinando apenas algumas seções de suas estantes aos livros.

As principais livrarias da cidade na primeira metade do século XX foram as livrarias *Central* e *Moderna*. A livraria Central encontrou inúmeras dificuldades de se manter em funcionamento durante o período da Segunda Guerra Mundial pelo fato de seus proprietários - os irmãos Alberto e Godofredo Entres - serem de origem germânica. Dificuldades estas que certamente fizeram com que a livraria encolhesse sua participação no mercado livreiro local.

À época da inauguração da Livraria Rosa, a Livraria Moderna já não pertencia à Paschoal Simone, sendo de propriedade de Pedro Xavier. Apesar de anunciar possuir um acervo de “livros sobre todo e qualquer assunto”⁵, o que mais destacava-se em seu estoque eram os artigos de escritório, artigos escolares, papelaria em geral, além de seus serviços tipográficos.

Em seus registros pessoais Teixeira da Rosa anotou que, em 1944, Florianópolis possuía mais três estabelecimentos do ramo, além das já citadas Central e Moderna: a *Livraria Progresso*, a *Livraria Catarinense* e a *Casa 43*, nenhuma delas dedicando-se exclusivamente aos livros.

A Livraria Progresso, situada à rua Felipe Schmidt, nº27, era a antiga Livraria Schuld, de João Ricardo Schuldt. De descendência alemã, acabou envolvido nas tensões entre alemães e brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial e teve seu nome alterado como forma de dissipar qualquer possível suspeita de que seu proprietário seja algum “quinta coluna”. Dono de uma pequena tipografia mudou o nome de seu estabelecimento de Livraria Schuldt para Livraria Progresso.

Dias depois da mudança de nome, Schuldt parece ter desistido do ramo editorial, ou ao menos encontrou alguém que pudesse comandar os negócios e fosse “acima de qualquer suspeita”, aparecendo pelos jornais diversos anúncios da livraria com o nome de um novo proprietário, H. O. Ligocki⁶. Entre os serviços oferecidos, destacavam-se papelaria, tipografia, encadernação, fábrica de carimbos de borracha, carimbos em geral, artigos filatélicos, brinquedos, artigos escolares, artigos para escritórios. Aceitavam encomendas de clichês, chancelas, sinetes e carimbos de datar, de metal, para inutilizar estampilhas.

Curiosamente, neste mesmo anúncio da Livraria Progresso não há menção aos livros, embora anuncie ainda a venda de raquetes, bolas e demais artigos para tênis, numa clara

⁵ Jornal *Flamma Verde*, 28/05/1937.

⁶ *O Estado*, 31/12/1942.

evidência ao espaço que tais casas comerciais dedicavam a artigos outros que não o livro, o que destaca o ineditismo da Livraria Rosa no mercado local.

Com relação à Livraria Catarinense, primeiramente pertenceu a Carlos Leyendecker e situava-se à rua Conselheiro Mafra, nº 06. Com tipografia própria, aceitava qualquer serviço da Arte Tipográfica. Já em 1949, em anúncio publicado na Revista Atualidades, aparece localizada na Praça XV de Novembro, nº07, e como propriedade de Carlos [Karl] Alperstedt, o mesmo alemão que no Natal de 1942, foi detido em Bom Retiro junto a Alberto Entres e outros, por cantarolar *Noite Feliz* em idioma germânico (FÁVERI, 2004). Além dos serviços anteriormente citados, a livraria passou a oferecer também “pautação, linotipia, encadernação, douração de letreiros a fogo e estampas em cores”.

Por fim, a **Casa 43** inaugurou-se em 03 de dezembro de 1942, à rua João Pinto, nº9. Estabelecimento filial da *Casa 43* de Blumenau, teve sua direção confiada ao Sr. Eduardo Silveira Jr. Segundo o anúncio,

o novo estabelecimento está explorando, como o faz sua matriz em Blumenau, o ramo da papelaria, livraria e artigos para escritório, tendo também uma grande variedade de stock de artigos escolares a preços capazes de concorrer com qualquer estabelecimento do gênero. (...) Prosperidade é o que desejamos à nova papelaria⁷.

Apesar de anunciar-se também como livraria, a nota de inauguração da empresa é sintomática ao augurar prosperidade “à nova *papelaria*”. Contudo, se os livros não eram prioridade, de fato a empresa esteve fadada ao sucesso, ao menos sua matriz de Blumenau, cujas oficinas gráficas existem ainda hoje sob o nome de *43 S/A Gráfica e Editora*⁸.

Apesar da quantidade considerável de livros nas estantes, o principal método utilizado até então por tais estabelecimentos a fim de manterem-se atualizados com os principais lançamentos editoriais do país eram os famosos catálogos de livros, que por sinal, poderiam ser solicitados pelos próprios leitores às grandes editoras, sem o intermédio do livreiro.

No período da Segunda Guerra, pululam anúncios publicitários da *Livraria do Globo* nos jornais locais a oferecerem livros pelo reembolso postal. Aproveitando-se do interesse despertado pelo conflito, livros como *A 5ª Coluna no Brasil*, do tenente Aurélio da Silva Py; *Nossa Democracia em Ação*, de Franklin Delano Roosevelt; e, *Eu financiei Hitler*, de Fritz Thyssen, ganham destacado espaço publicitário. A popular *Revista do Globo*, além de trazer

⁷ Jornal *A Gazeta*, 06/09/1942.

⁸ *Blumenau em Cadernos*. Tomo XLVI. Jan/Fev. 2005.

em suas páginas contos, crônicas, poesias, cinema e fotografias, anunciava em matérias de capa artigos sobre a invasão do continente europeu pelas tropas do eixo.

Contudo, a venda de títulos por catálogos - método habitualmente utilizado na cidade desde o século XIX, quando livrarias como *Garnier e Laemmert* publicavam suas listas de livros nos jornais – gradualmente foi sendo deixada de lado por leitores que não se satisfaziam com o dispendioso processo.

Além de não possuírem o contato físico com o objeto desejado, os interessados precisavam escrever às editoras remetendo o dinheiro antecipadamente. Há o desgaste de obter o endereço, assim como o valor atualizado dos livros. Ademais, havia os gastos de porte e o tempo perdido junto aos “*guichets*” do Correio ou Banco.

Dedicar-se exclusivamente aos livros, podendo assim possuir um estoque maior e mais diversificado de títulos, foi um dos trunfos que transformaram a Livraria Rosa em referência no comércio de livros entre os anos 1940 e 1960 em Florianópolis. Sucesso ocasionado não apenas pelo tino comercial de seu proprietário como pelo idealismo mantido por João Teixeira da Rosa em relação aos livros.

O livreiro nasceu em Florianópolis, a 24 de Julho de 1906, num sobrado na rua Fernando Machado, esquina com General Bittencourt. Seus pais foram o barbeiro de profissão e funcionário da prefeitura João Teixeira da Rosa e a dona de casa Maria das Dores Rosa, conhecida como Dona Bicota.

Começou a trabalhar ainda moço, aos doze anos de idade na casa comercial *Au Bon Marche*, seguindo-se o trabalho na *Casa Perrone*, tradicional loja de calçados, chapéus e artigos para esporte, e como telegrafista na *The Western Telegraph Co. Ltda.* Durante o período em que trabalhava no cabo submarino começou a funcionar na cidade o Ginásio José Brasilício, onde cursou o 1º ano ginásial.

Porém, o ginásio logo fechou as portas. Sem os estudos, seu tempo era consumido pelo trabalho, ainda que mal remunerado. Na falta de um meio acadêmico onde pudesse dar vazão aos seus anseios, buscou em seu círculo de amigos aqueles que, assim como ele, se interessavam pelo mundo das letras. Seus familiares apontam um possível “mentor intelectual” do jovem Teixeira da Rosa na figura do Dr. Laércio Caldeira de Andrada, de quem se tornou amigo e possivelmente foi por ele introduzido nas redes sociais que regiam a sociedade local.

Posteriormente voltou aos estudos ao fazer o curso de Guarda-Livros no *Instituto Politécnico*, sendo em seguida aprovado num concurso público para o Tesouro do Estado no qual chegou ao cargo de subdiretor da Receita e representante do Tesouro Estado junto ao

Departamento Estadual de Estatística. Após o expediente na Receita Estadual, à noite exercia a função de Secretário do Instituto Comercial.

Com o conhecimento adquirido em tais cargos publicou, juntamente a Adolfo Silveira, o livro “*Vendas em Consignação*”, coletâneas de leis e regulamentos sobre os impostos estaduais. Foi ainda coletor Estadual, Inspetor de Coletorias, diretor administrativo do Departamento Estadual de Estradas e Rodagens; e secretário do Conselho Deliberativo daquele departamento.

Funcionário público, Teixeira da Rosa estava impedido por lei de possuir um estabelecimento comercial. A saída encontrada foi a criação da firma “*O. L. Rosa*”, abreviatura do nome de sua esposa, *Olga Luz Rosa*, com quem era casado desde 1929. Tal firma era um escritório de representações e de recebimentos de proventos de aposentados e pensionistas, registro de firmas e registro de estrangeiros, mas logo passou a cuidar dos interesses da livraria.

No início, como não dispunha de capital para comprar livros e mantê-los em estoque, a livraria começou como um sebo, com a mercadoria colocada em um dos quartos de sua residência - um prédio de dois andares no centro da cidade, à rua Deodoro, nº33, de boa localização comercial. Com pouco dinheiro para investir, recebia livros de segunda mão, em consignação, para vendê-los.

Aos poucos, com o sucesso do empreendimento, passou a adquirir livros à vista, principalmente nos grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo. No auge da livraria, foi distribuidora no Estado e agente em Florianópolis de grandes editoras nacionais e estrangeiras, como a *El Ateneo*, de Buenos Aires⁹.

Posteriormente, após várias reformas, a livraria passou do pequeno corredor a todo o andar térreo do prédio, com um mezanino onde ficava o escritório e o setor de expedição, pois a livraria atendia a todo o interior do Estado através do antigo sistema de reembolso postal.

Do pequeno corredor repleto de livros usados, a livraria a esta altura já estava consolidada como uma das principais casas do ramo no Estado, capaz de atender a qualquer tipo de pedido, vendendo “qualquer livro de qualquer editora”¹⁰.

De fato, a variedade de seus livros atendia à todo o tipo de público. *Gostosos como bombons* era como os livros infantis eram oferecidos ao público mais jovem. Clássicos da literatura infanto-juvenil disputavam a preferência com as últimas e coloridas novidades editoriais: *Dragão das Escamas de Aço*, *Anões da Floresta*, *A Raposa e o Lobo*, *A Cabeça de*

⁹ *Revista Atualidades*. Nº6. 1946.

¹⁰ *Anuário Catarinense para 1948*. [Florianópolis], ano I, n.1, janeiro de 1948.

Medusa, A Rainha das Abelhas, O Cãozinho Azul, O Mágico do castelo das Nuvens, Pinga fogo, A árvore que falava, Na furna da onça, Quando o céu se enche de balões, Ladrão de Bagdad, História d'uma Princesa Macaca, O gato de botas, Alice no País do Espelho...

Com relação a este último, Alice, “que não via utilidade num livro sem figuras nem diálogos”¹¹, decerto concordaria com a idéia de Teixeira da Rosa de cativar sua freguesia anunciando-os como objetos prazerosos. Ao atribuir sentido ao objeto é como se o livreiro fizesse um convite irrecusável para atravessar o portal da leitura e não restasse ao jovem leitor nenhum outro pensamento que não o mesmo da pequena Alice: “Ótimo, temos divertimento pela frente!”.

Uma importante fonte para mapearmos esta diversidade de leitores e leituras que circulavam pela livraria é a sessão “*Notícias Bibliográficas. Sob os auspícios da Livraria Rosa*”, publicada por Teixeira da Rosa na *Revista Atualidades*. De propriedade de Elvira Ida Kuehne e João Kuhne, começou a circular pela cidade a 24 de dezembro de 1945¹². Já no ano seguinte, a revista - literária e noticiosa, de publicação mensal – passou a publicar a coluna de Teixeira da Rosa, servindo-o como importante meio de divulgação das novidades literárias que aportavam na ilha através de sua livraria, além de pequenas notas do mundo da literatura, local, nacional e estrangeira, assim como anúncios de falecimentos de escritores famosos, notícias da Academia Brasileira de Letras, lançamentos prometidos para breve pelas principais editoras, novas edições de clássicos, edições esgotadas, notícias culturais e a correspondência mantida com seus leitores.

Através desta sessão, podemos elaborar uma breve cartografia de principais livros, autores e editoras que circulavam pela cidade durante a década de 1940 e início da década de 1950, período em que a sessão foi publicada pela revista. As edições da *Livraria do Globo*, *Edições Brasiliense*, *Cia. Editora Nacional*, *Martins Editora*, *Prometeu*, *Mundo Latino*, *Editora Vecchi*, *d'O Cruzeiro* e *José Olympio Editora* são algumas que se destacam no mercado local, além da *AGIR* e *Anchieta*, tradicionais editoras de obras de caráter moral e religioso; e *Editora Aurora*, *Gertum Carneiro*, *Empresa Editora Brasileira* e *Guaíra*, especializadas em livros técnicos e comerciais.

A Livraria do Globo, de Porto Alegre, foi uma das livrarias mais atuantes no mercado local como evidenciam os diversos anúncios publicados regularmente ao longo de toda a década de 1940 nos jornais da cidade. Esse “expansionismo” da Livraria do Globo deve-se ao fato de que na década anterior a editora havia se aproveitado de uma crise econômica que

¹¹ MANGUEL, Alberto. **No bosque do espelho**. SP: Cia. das Letras, 2000. P.20.

¹² *Revista Atualidades*. Nº 10. 1948. P.82.

atingia a Europa – encarecendo o papel e a importação de livros desse continente – para tornar-se competitiva em seu próprio mercado nacional (HALLEWEL, 1985). A livraria antecipou-se à crise, abasteceu seu estoque e pôde oferecer um produto abaixo do preço das demais editoras.

Esta “crise do papel” foi inclusive assunto de uma das colunas de Teixeira da Rosa, ao trazer um depoimento de Rogério Pongetti dado ao jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, justificando os altos preços dos livros ao reclamar da dificuldade de obtenção de matéria prima e das leis de importação do papel estrangeiro¹³. Mesmo com tais dificuldades, a Pongetti estava entre as dez maiores editoras nacionais em número de livros lançados (HALLEWEL, 1985).

Ao aproveitar-se desta oportunidade - e por tratar-se de uma editora nacional cujo principal produto era a ficção estrangeira traduzida - a circulação dos livros da Livraria do Globo ajudaram, também em Florianópolis, a deslocar as tendências do setor editorial brasileiro (e, por que não, também as tendências culturais), até então voltado especialmente para a França.

Intensifica-se a leitura de autores anglo-saxônicos e germânicos, ampliando os horizontes de leituras, percepções e apropriações, apesar de que em tempo nenhum se deixou de ler autores franceses. Através da famosa Coleção Nobel, lia-se Thomas Mann, André Gide, Charles Morgan, Chesterton, Willa Cather, Norman Douglas, Roger Martin du Gard, Aldous Huxley, Sinclair Lewis, William Faulkner, Pearl S. Buck, Graham Greene, James Joyce, Katherine Mansfield, James Hilton, John Steinbeck, Karl May, Joseph Conrad, Virgínia Woolf, Richard Llewellyn, Robert Graves, Kafka, Erich Maria Remarque, Ibsen, Pirandello, Tolstoi, entre tantas outras leituras que contribuiriam para *cosmopolitizar* leitores e cidades, inclusive Florianópolis.

Além da coleção Nobel, foi muito popular na cidade a circulação da Biblioteca dos Séculos, no qual a Livraria do Globo publicou obras e autores considerados clássicos, como Charles Dickens, Fielding, Shakespeare, Nietzsche, Edgar Allan Poe, Platão, Balzac e Emily Brontë. Com relação aos autores nacionais, percebe-se uma grande circulação das obras de Érico Veríssimo, como o romance *Clarissa* e *A Volta do Gato Preto*, segundo volume do relato de sua viagem aos Estados Unidos, iniciado com *Gato Preto em Campo de Neve*.

Outra editora de destaque nacional a circular pela cidade através da Livraria Rosa foi a Brasiliense, à época dirigida por Arthur Neves, Caio Prado Jr. e a escritora Maria José Dupré, mais conhecida como Senhora Leandro Dupré, pois fora assim que assinava suas publicações,

como a série infantil do *Cachorrinho Samba* e seu romance mais conhecido, *Éramos Seis*. Editora eclética, deu forte ênfase aos livros de administração de empresas e às ciências sociais, de autores como Josué de Castro, Manuel Correia de Andrade e o próprio Caio Prado Júnior.

Teixeira da Rosa também publicava notícias sobre a Martins Editora, de José Martins, que após um período de investimento em traduções de autores franceses passou a reeditar importantes obras sobre o Brasil, há muito esgotadas. Foi a coleção Biblioteca Histórica Brasileira, confiada ao então bibliotecário municipal Rubens Borba de Moraes, hoje mais conhecido como um dos maiores bibliófilos brasileiros. Obras de antigos viajantes como Johann Moritz Rugendas, Saint-Hilaire, Kidder, Débret, Luccock, Ribeyrolles e Nieuhof ganharam edições normais e especiais, em papel de grande qualidade e grande formato.

Durante anos a editora Martins sofreu com a ação dos censores que impediram a publicação de diversos livros durante o Estado Novo. O primeiro conflito envolvendo a Martins e os censores ocorreu em 1941, quando resolveu publicar *O ABC de Castro Alves*, de um autor proscrito chamado Jorge Amado. Teixeira da Rosa já divulgava por Florianópolis os livros do “muito conhecido romancista”, entre eles *Seara Vermelha*, lançado pela Martins em 1946, evidência da variedade e atualidade dos temas ao qual a livraria servia de difusora.

Em 1946, ano em que Teixeira da Rosa anuncia a publicação de *Seara Vermelha*, Jorge Amado assumia seu mandato na Assembléia Constituinte e publica pela Edições Horizonte, do Rio de Janeiro, *Homens e coisas do Partido Comunista*. Em janeiro de 1948, o registro do Partido Comunista é cassado e sem o assento na Câmara Federal, tendo seus livros considerados como "material subversivo", o escritor parte em exílio voluntário para a Europa.

Segundo Eduardo de Assis Duarte, no caso de Jorge Amado o sucesso de venda de seus livros o tornou um autor visado pelos censores. Autor de uma ficção tida como subversiva, Amado é preso, perseguido e exilado. É na cadeia que assiste à publicação de *Mar Morto*, em 1936. Detido novamente em 6 de novembro de 1937 é informado na prisão da queima pública de seus livros, entre os quais o recém-lançado *Capitães da Areia*, depois de proibidos de circular e meticulosamente recolhidos em escolas, bibliotecas e livrarias (DUARTE, 2005).

A repressão a Amado não era gratuita, pois o autor vinha se notabilizando pela contestação ao mundo do trabalho e à marginalidade social urbana. Suas personagens são cidadãos irrealizados, reduzidos pela exploração econômica e pelos preconceitos de classe, gênero e/ou de cor. Após sua cassação, em 1948, Teixeira da Rosa não mais o menciona em

¹³ *Revista Atualidades*. Nº2. 1947.

suas “Notícias Bibliográficas”. Apesar de não ser possível saber se o livreiro continuou ou não a comercializar seus livros, o que mais surpreende, no entanto, é que numa cidade dita “provinciana” e “conservadora” haja um público-leitor que justifique a divulgação de um autor proscrito como Jorge Amado, cujas obras primam por ser o avesso da literatura “sorriso da sociedade”, um autor reconhecido como comunista, que apoia Prestes e denuncia mazelas sociais e que já tivera, inclusive, sido preso e tido seus livros incinerados em praça pública pela comissão de busca e apreensões de livros do Estado da Bahia (DUARTE, 2005).

Tal divulgação se deu justamente no período de imediato pós-guerra, quando publicações anticomunistas como a revista *Seleções Reader’s* conquistavam um público-leitor cada vez maior. Presente no Brasil desde 1942, com uma primeira edição de 100 mil exemplares vendidos em diversas cidades do país, a revista *Seleções*, assim como o cinema e as revistas em quadrinhos da *Walt Disney* foram importantes vetores do *american way of life* em todo o território latino americano. Dentre as revistas Disney comercializadas na cidade pela Livraria Rosa, destacam-se as histórias do Pato Donald, Branca de Neve e os Sete Anões, Dumbo e Zé Carioca, personagem símbolo da política de boa vizinhança.

Outras duas pequenas editoras, hoje esquecidas, também gozaram de certa popularidade na cidade durante a década de 1940: as Edições Mundo Latino e Editora Prometeu, ambas especializadas em romances de autores estrangeiros. Das *Edições Mundo Latino*, destacavam-se as obras do francês Maurice Dekobra, como *Emigrados de Luxo* e *A Filha de Mata Hari*, ambos de grande sucesso editorial, posteriormente adaptados para o cinema; e do cubano Eduardo Zamacois, como *As Raízes*, *O delito de todos* e *Os vivos mortos*¹⁴. Já a Prometeu, destacou-se com publicações como *Ibis*, livro mais conhecido do colombiano Vargas Vila, considerado pelo próprio autor como sua obra-prima; *Flor do lobo*, um romance “de amor e sofrimento”, não recomendado aos que “não se atrevem a enfrentar a vida tal como ela é”; *A Loucura de Job*, descrito como um “drama de quem ama até à idolatria”; e a trilogia *Lírio Branco*, *Lírio Vermelho* e *Lírio Negro*, três romances de “amor inesquecível, líricos e belos”¹⁵.

Populares foram também as fotonovelas. A mais famosa, *Grande Hotel*, era publicada na França, Itália, Espanha e ingressou no Brasil através da Editora Vecchi. Atento à demanda do mercado, Teixeira da Rosa enviava gratuitamente a quem solicitasse um exemplar da revista “a título de propaganda”. A iniciativa parece ter dado certo, pois a fotonovela teve

¹⁴ *Revista Atualidades*. Nº 12. 1946.

¹⁵ *Revista Atualidades*. Nº12. 1946.

“grande aceitação, especialmente da parte do elemento feminino que aprecia os grandes romances de amor”¹⁶.

Já da José Olympio Editora, destacam-se as edições da *Coleção Documentos Brasileiros*, criada em 1936, inspirada na coleção *Brasiliana*, de 1931 (HALLEWEL, 1985), apresentando algumas das obras de não ficção mais importantes da época. O volume inicial foi justamente “*Raízes do Brasil*”, de Sérgio Buarque de Hollanda, mencionado por Teixeira da Rosa em 1946 em virtude do lançamento de sua 2ª edição, com acréscimo de um capítulo¹⁷.

Dentre os outros títulos publicados pela coleção estavam as *Memórias*, de Oliveira Lima; a biografia de Bernardo Pereira de Vasconcelos feita por Otávio Tarquínio de Sousa; *O índio brasileiro e a revolução francesa*, de Afonso Arinos; *A vida dramática de Euclides da Cunha*, de Elói Pontes; *Peru versus Bolívia* e *Canudos*, do próprio Euclides da Cunha; e autores diversos como Brito Broca, Raymundo Faoro, Afrânio Coutinho, Emmanuel Pereira Filho, José Honório Rodrigues e Maria Odila da Silva Dias.

Gilberto Freyre, então diretor da coleção, teve a oportunidade de publicar *Nordeste*, sobre os efeitos do cultivo da cana-de-açúcar naquela região, e o clássico *Casa Grande & Senzala*, obra de grande impacto no pensamento social brasileiro com o mito da democracia racial. A notícia de que sua 5ª edição já estava no prelo foi recebida com satisfação por Teixeira da Rosa e “por todos quantos acompanham o movimento cultural brasileiro”, elencando todas as modificações feitas na nova edição que “dariam mais leveza à leitura”¹⁸.

A circulação da *Coleção Documentos Brasileiros* é mais uma evidência da variedade de leitores e leituras proporcionada pela Livraria Rosa. De Gilberto Freyre a livros técnicos, de Jorge Amado à *Marca do Zorro*, de fotonovelas e *Seleções* a Sérgio Buarque de Hollanda, Debret, Renan, Graciliano Ramos, Skakespeare, Platão, *Pato Donald* ... A variedade dos títulos é um indicativo de que os leitores, assim como as leituras, eram de diversas origens, com diferentes objetivos em relação às suas leituras e infinitas possibilidades de apropriações.

Se os “moços” encontravam em Vargas Vila livros para sua educação sentimental, as “moças” não ficavam desamparadas em suas leituras. Além de fotonovelas, como a já citada *Grande Hotel*, foi no fim da década de 1940 que começaram a circular pela cidade os livros da *Coleção Menina e Moça*, da José Olympio e outras similares, como a *Biblioteca das Moças*.

¹⁶ *Revista Atualidades*. Nº10-11. 1947.

¹⁷ *Revista Atualidades*. Nº08. 1946.

¹⁸ *Revista Atualidades*. Nº07. 1946.

A primeira era destinada às “moças-em-flor”, jovens que não eram mais crianças a lerem contos de fadas, mas que também ainda não estavam preparadas “para cair no romance mundano”, cujas “histórias sentimentalíssimas (...) mais lhes fazem mal do que bem aos seus coraçõeszinhos juvenis e inexperientes”. Era uma coleção que pretendia ser uma ponte entre o mundo da criança - leituras de Walt Disney e outras fábulas - e os dramas de jovens senhoritas, como os livros de M. Delly, Magali, Ardel, Chantepleure, Susana Flag (pseudônimo de Nelson Rodrigues) “que tanto fazem sofrer sua mana mais velha”...¹⁹

A propósito, M. Delly era uma das estrelas da *Biblioteca das Moças*, série de romances publicados pela Companhia Editora Nacional e distribuídos para a venda em todo o país entre as décadas de 1930 e 1960. Seus enredos seguem uma estrutura moralizante de contos de fadas onde o herói, nobre e rico, e a heroína, plebéia e pobre, encontram um núcleo problemático no início, mas se encontrando ao final com um casamento feliz.

Sobre os livros de M. Delly há um trabalho referência no assunto, de autoria da historiadora Maria Teresa Santos Cunha, intitulado *Armadilhas da Sedução: os romances de M. Delly*, no qual a autora os considera dispositivos pedagógicos de promoção da educação feminina, buscando representações das normas, condutas e valores que nortearam os valores de mulheres jovens, brasileiras, da camada média urbana. O estudo dessa literatura colabora na formação de uma narrativa com vistas à uma construção da história da cidade em vários aspectos. Para Maria Teresa Santos Cunha, a intencionalidade normalizadora desta literatura de entretenimento - uma “literatura cor-de-rosa” de propósito educativo – ajuda a desconstruir o caráter inócuo dessa modalidade literária, modeladora de subjetividades, veiculadora de estereótipos e preconceitos, naturalizante de uma estrutura social e econômica vigente, bem como as relações sociais e interclasses, pois legitima as elites brasileiras através da identificação com as elites européias – ou com a representação destas elites - aumentando a dependência econômica e cultural.

Segundo a autora, Florianópolis abrigava uma considerável camada de funcionários do Estado, bacharéis, profissionais liberais, comerciantes prósperos, pequenos proprietários que, aos poucos, compunham uma nova classe média da cidade, a querer se diferenciar cada vez mais das outras camadas menos privilegiadas da população: “suas filhas estudavam em colégios religiosos, freqüentavam clubes sociais, vestiam-se como nos grandes centros e, para ‘se ilustrar’, liam literatura francesa e os romances da Biblioteca das Moças, mais especificamente ‘os deliciosos livros de M. Delly’” (CUNHA, 1999).

¹⁹ Revista *Atualidades*. Nº02. 1947.

E justamente a esta classe média deve-se em grande parte as representações de Florianópolis como uma cidade “pacata” e “tranqüila”, que certamente não contemplavam os conflitos reais que ocorriam diariamente. Nesse esquema simplificador de representação da cidade, que mais diz respeito aos anseios desta camada burguesa, não há espaço para conflitos sociais, apedrejamentos de livrarias, fogueiras de livros, leituras proibidas...

Tal cartografia de livros, autores e editores, feita aqui de forma breve e de caráter introdutório à pesquisa, serve igualmente para percebermos a presença dos leitores comuns na cidade, aqueles leitores que habitualmente são ignorados por um discurso de atraso e isolamento, à espera de uma história da leitura que jogue um foco de luz em suas práticas e apropriações.

Evidências desse *não isolamento* da ilha está no jovem rapaz que vai ao barbeiro cortar o cabelo e cultivar os parcos fios de bigode aos moldes de uma fotografia de *Clark Gable* recortada da *CineArte*, ansioso para chegar logo à Felipe Schmidt e escorar-se numa parede qualquer, segurando o cigarro como *Humphrey Bogart* e desejando um beijo como aqueles dos livros de *Vargas Vila*. É o garoto que lê *Pato Donald* e *Zé Carioca*, brinca imaginando-se *Huckberry Finn* e fica confuso por não entender porque brigam com o irmão mais velho por estar a ler um livro do comunista *Jorge Amado*. As evidências estão nas vestimentas compradas na *A Modelar* e nos calçados da *Casa Perrone*. Ou ainda nas roupas feitas sob medida a partir de um encarte do *Jornal das Moças* ou de *Moda e Bordado*.

O *não isolamento* está na jovem que sai da *Sessão das Moças* a fim de fazer o *footing* na Praça XV de Novembro, esperançosa de viver um amor *Grande Hotel*. Está em sua própria “pasmaceira”, na qual uma leitora de *Vida Doméstica*, fã de *M. Delly*, sonha em casar-se, ter um lar que seja como sua representação da cidade, uma “ilha de paz e tranqüilidade”, entre bibelôs, tapetes, cristais e porcelanas.

Uma história da leitura, mais do que listar livros velhos e livrarias mortas, apresenta-se como uma possibilidade de se construir uma narrativa da cidade a partir dos mais variados prismas: da capa de um livro; das dedicatórias e marginálias de suas páginas; do livreiro que transforma sua casa em livraria e oferece livros gostosos como bombons; da vida de gente que não foi doutor, intelectual, nem membro de movimentos, institutos ou academias, mas que – mesmo não percebendo – leram ao longo de suas vidas a cidade em que viveram nas páginas que folhearam.

Não há como saber se João Teixeira da Rosa Júnior tinha noção precisa de como seus serviços contribuía para a *cosmopolitizar* Florianópolis. Ao que tudo indica, não apenas tinha essa noção como também se utilizava deste idealismo no dia a dia de seu ofício de

livreiro. Além de associar seus livros a bombons, numa clara alusão ao prazer proporcionado pela leitura, na pequena tipografia que possuía no fundo do quintal de sua residência imprimia marcadores de livros com os dizeres: “*Liberte-se das algemas da ignorância. A leitura dá sabedoria. Desejando livros sobre quaisquer assuntos na Livraria Rosa de O. L. Rosa*”.

O livreiro assumia o ofício de *difundir as ‘luzes’*, crente de que o livro possuía um poder transformador, capaz de modificar hábitos e costumes ao remodelar a sociedade em que é difundido. Tal idealismo parece corresponder com a figura do “homem idealista”, maneira pela qual habitualmente é descrito pelos familiares. Por seus antigos clientes e amigos é lembrado por sua generosidade em compartilhar seu acervo com quem não tinha condições de adquiri-los. Theobaldo Costa Jamundá, em voto de pesar apresentado em 1983 no Conselho Estadual da Cultura, na ocasião da morte de Teixeira da Rosa, o descreve como um livreiro “amigo”, “estimulante” da gente que precisava de livro: “leve o livro, mande o dinheiro depois ou pague na próxima visita” (JAMUNDÁ, 1984). Nos anos 1960, a intenção de Teixeira da Rosa era passar sua livraria a seus filhos, contudo, nenhum deles demonstrou vocação para o ofício. Ao invés de fechar a casa, resolveu vendê-la a um grande amigo com inclinação ao negócio, Nivaldo Lopes de Almeida, que a mudou de local e de nome, passando a chamar-se *Livraria Líder*.

Era como se a Livraria Rosa houvesse cumprido sua missão e virado a página para que outros continuassem a escrever esta história. Teixeira da Rosa passou os anos seguintes escrevendo para o jornal *O Estado* uma coluna semanal sobre filatelia, até sua morte, em 31 de outubro de 1983. Sua última coluna foi ditada para uma de suas filhas no leito do hospital dois dias antes de falecer, como se até o fim acreditasse que havia algo a dizer. Nela, escreveu sobre um encontro filatélico ao qual não poderia comparecer, despedindo-se dos amigos filatelistas. Antes de terminá-la, estampou na coluna clichês de selos natalinos, faltando ainda três meses para o Natal. Ciente de que não mais estaria presente nesta data considerada especial, o livreiro deixava aos leitores algo para ser lido. Um fim coerente, ao gosto de um semeador de livros...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CUNHA, Maria Teresa Santos. **Armadilhas da Sedução**. BH: Autêntica, 1999.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Projeto Memória da Leitura - Leitura e Cidadania**. In: www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/leitura%20e%20cidadania.htm. Acessado em 18/08/2005.

FÁVERI, Marlene de. **Memórias de uma (outra) guerra: cotidiano e medo durante a Segunda Guerra em Santa Catarina**. Itajaí: Univali; Fpolis: Edufsc, 2004.

HALLEWEL, L. **O Livro no Brasil**. (Sua História). SP. Edusp, 1985.

JAMUNDÁ, Theobaldo Costa. João Teixeira da Rosa Júnior. In: **Revista do IHG/SC**. 3ª Fase. Nº05. 1984.

MANGUEL, Alberto. **No bosque do espelho**. SP: Cia. das Letras, 2000.

POSSENTI, Sírio. Leitura é trabalho. In: **PrimaPagina**, São Paulo, 19 de abr. 2004.

Felipe Matos
Av. Almirante Tamandaré, 748/134 – Bl. C
Coqueiros – Florianópolis / SC
CEP 88080-160
E-mail: felipematos@hotmail.com

Recebido: 25/07/2006
Aprovado: 15/03/2007